

RAÇA E SEXUALIDADE COMO RUPTURA EM BOM-GRIOULO DE ADOLFO CAMINHA: O AGON DO SUJEITO NEGRO E GAY**RACE AND SEXUALITY AS A RUPTURE IN ADOLFO CAMINHA'S BOM-CRIOULO: THE AGON OF THE BLACK AND GAY SUBJECT** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-003>**Diego do Carmo**

Doutorando

UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão

E-mail: diegodocarmo24@hotmail.com**Ana Maria Makoski Zientarski**

Mestra em Educação

UNIOESTE, campus de Cascavel

E-mail: anamariamakoski@gmail.com**Daniele Rodrigues Nunes**

Mestra em Letras

UNIOESTE, campus de Cascavel

E-mail: drnunesjp@gmail.com**Nayra de Paiva Oliveira**

Doutora em Letras

UNIOESTE, campus de Cascavel

E-mail: nayrapaivaoliveira@gmail.com**RESUMO**

O presente artigo analisa Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha, considerando a obra como marco na literatura brasileira por sua abordagem inovadora da homossexualidade e das questões raciais no contexto naturalista do século XIX. A pesquisa se debruça sobre a construção do sujeito negro e gay, representado pelo protagonista Amaro, identificando como a narrativa tensiona estereótipos raciais, subverte normas heteronormativas e evidencia o agon do sujeito marginalizado em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e pelo conservadorismo moral. A obra é analisada à luz de teorias críticas sobre raça e sexualidade, incluindo Frantz Fanon, Stuart Hall, Judith Butler e Bell Hooks, bem como estudos sobre literatura naturalista e representações de corpos racializados e LGBTQIA+. A análise demonstra que Caminha, ao humanizar Amaro, transforma o corpo negro e homoerótico em espaço de subjetividade e resistência, rompendo com convenções naturalistas de objetificação e determinismo, e criando uma narrativa que antecipa debates contemporâneos sobre identidade, marginalidade, desejo e poder. O artigo conclui que Bom-Crioulo constitui-se como uma obra de ruptura literária e social, oferecendo uma perspectiva crítica sobre as interseções entre raça, sexualidade e subalternidade, e evidenciando o potencial da literatura como instrumento de reflexão e contestação de normas sociais historicamente excludentes.

Palavras-chave: Literatura naturalista brasileira; Sujeito negro e gay; Homossexualidade; Racismo estrutural; Interseccionalidade; Subalternidade.



ABSTRACT

This article analyzes Adolfo Caminha's *Bom-Crioulo* (1895), considering the work a landmark in Brazilian literature for its innovative approach to homosexuality and racial issues within the naturalist context of the 19th century. The research focuses on the construction of the Black and gay subject, represented by the protagonist Amaro, identifying how the narrative tensions racial stereotypes, subverts heteronormative norms, and highlights the agon of the marginalized subject in a society marked by structural racism and moral conservatism. The work is analyzed in light of critical theories on race and sexuality, including Frantz Fanon, Stuart Hall, Judith Butler, and Bell Hooks, as well as studies on naturalist literature and representations of racialized and LGBTQIA+ bodies. The analysis demonstrates that Caminha, by humanizing Amaro, transforms the Black and homoerotic body into a space of subjectivity and resistance, breaking with naturalist conventions of objectification and determinism, and creating a narrative that anticipates contemporary debates on identity, marginality, desire, and power. The article concludes that *Bom-Crioulo* constitutes a work of literary and social rupture, offering a critical perspective on the intersections between race, sexuality, and subalternity, and highlighting the potential of literature as an instrument for reflection and contestation of historically exclusionary social norms.

Keywords: Brazilian naturalist literature; Black and gay subjects; Homosexuality; Structural racism; Intersectionality; Subalternity.



1 INTRODUÇÃO

Adolfo Caminha, escritor brasileiro do século XIX, publicou em 1895 o romance *Bom-Crioulo*, obra que se tornou um marco na literatura brasileira, inserida na era naturalista. O romance rompe com os padrões literários e sociais da época ao abordar de forma direta a homossexualidade, tema considerado tabu, ao mesmo tempo em que apresenta questões relacionadas à racialidade e às tensões vividas pelo sujeito negro em uma sociedade marcada por hierarquias, preconceitos e conservadorismo.

Bom-Crioulo é considerado o primeiro romance brasileiro a tratar da homossexualidade de forma explícita, antecipando debates sobre sexualidade e marginalidade que permaneceram silenciados na literatura do período (Trevisan, 2011, p. 254).

Caminha se destaca por confrontar os valores moralistas do período, construindo um universo literário que evidencia a complexidade do desejo humano, a corporalidade e a marginalização social de forma inédita para a literatura brasileira do século XIX.

Em *Bom-Crioulo*, a homossexualidade não é tratada apenas como tema central, mas se entrelaça com as questões raciais, criando uma representação do sujeito negro que rompe com estereótipos unidimensionais da época. O romance apresenta iterações que refletem a visão naturalista, incluindo a zoomorfização do negro e a associação de certas características animais ao corpo do personagem, mas, ao mesmo tempo, valoriza fisicamente o corpo do protagonista, transformando-o em objeto de desejo. Essa ambivalência evidencia tanto os preconceitos internalizados pela sociedade oitocentista quanto o modo como Caminha desafia essas percepções, construindo uma narrativa que questiona normas literárias e sociais vigentes.

Outro aspecto central da obra é a forma como o autor encara a moralidade em sua trajetória literária. Caminha reivindica autonomia de escrita ao apresentar relações afetivas e sexuais entre homens em uma época em que tais assuntos eram reprimidos e condenados. Assim, a obra possibilita identificar concepções, práticas e valores sociais veiculados à homossexualidade e à subalternidade racial, mostrando como a literatura naturalista pode servir como instrumento de crítica social e reflexão sobre exclusão, desejo e poder. A personagem de Amaro, o “Bom-Crioulo”, exemplifica o agon do sujeito negro e gay: um corpo e um desejo constantemente tensionados pelas normas sociais, pela discriminação racial e pela moral conservadora, mas que, ao mesmo tempo, evidencia resistência e subjetividade.

A crítica contemporânea da obra, marcada por discursos moralistas e religiosos, considerava a homossexualidade como desvio de natureza, reforçando a marginalização do sujeito. Contudo, como aponta Trevisan (2011):

Ali onde a ficção se deixa expandir, Caminha coloca-se a quilômetros à frente do seu tempo. *Bom-Crioulo* não apenas problematiza a homossexualidade em um contexto conservador, mas também apresenta o sujeito negro de maneira complexa, tensionando estereótipos raciais e sociais e criando uma narrativa que questiona normas literárias e valores morais vigentes. (Trevisan, 2011, p. 254).

Em *Bom-Crioulo*, a homossexualidade não é tratada apenas como tema central, mas se entrelaça com as questões raciais, criando uma representação do sujeito negro que rompe com estereótipos unidimensionais da época. O romance apresenta iterações que refletem a visão naturalista, incluindo a zoomorfização do negro e a associação de certas características animais ao corpo do personagem, mas, ao mesmo tempo, valoriza fisicamente o corpo do protagonista, transformando-o em objeto de desejo. Essa ambivalência evidencia tanto os preconceitos internalizados pela sociedade oitocentista quanto o modo como Caminha desafia essas percepções, construindo uma narrativa que questiona normas literárias e sociais vigentes (FERNANDES, 2012; CUNHA, 2015).

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar o agon do sujeito negro e gay presente em *Bom-Crioulo*, evidenciando como a obra se configura como ruptura e quebra de paradigmas literários e sociais do século XIX. Através dessa análise, busca-se compreender como os elementos de raça, sexualidade, desejo e marginalidade se articulam no romance, contribuindo para discussões contemporâneas sobre representatividade, subalternidade e resistência em contextos sociais historicamente opressores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura naturalista brasileira do final do século XIX, influenciada pelas correntes europeias, apresenta características próprias que permitem compreender o contexto de produção de obras como *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Segundo Braga (2005), o Naturalismo se fundamenta no determinismo biológico e social, enfatizando a degradação moral, o impacto do ambiente sobre o indivíduo e a visão do ser humano como produto da hereditariedade. Essa perspectiva literária buscava representar, muitas vezes de forma minuciosa e científica, comportamentos considerados desviantes ou marginalizados, incluindo a sexualidade e os corpos em suas manifestações físicas e afetivas. No entanto, Caminha, ao construir o protagonista Amaro, ultrapassa algumas limitações da tradição naturalista ao humanizar um sujeito negro e homossexual, oferecendo uma leitura crítica sobre normas sociais, morais e raciais da época (FERREIRA, 2008; CUNHA, 2015).

Segundo Braga (2005, p. 112),

O Naturalismo se fundamenta no determinismo biológico e social, enfatizando o impacto do ambiente sobre o indivíduo e a degradação moral como elemento central da narrativa. A literatura naturalista, ao buscar representar comportamentos marginalizados, muitas vezes reduz sujeitos a estereótipos, especialmente no que se refere à sexualidade e à corporalidade. (Braga, 2005, p. 112)



Caminha, ao humanizar Amaro, o protagonista negro e gay, ultrapassa essas limitações do naturalismo, oferecendo uma leitura crítica das normas sociais, morais e raciais do período (FERREIRA, 2008). A obra evidencia a construção do agon do sujeito negro e gay: um corpo e um desejo tensionados pelas normas sociais, pela discriminação racial e pela moral conservadora, mas que ao mesmo tempo afirma resistência e subjetividade.

Para compreender a complexidade do sujeito negro e gay em *Bom-Crioulo*, torna-se essencial recorrer às teorias críticas sobre raça e sexualidade. Frantz Fanon (1986) analisa como o racismo estrutural e histórico produz subjetividades marcadas pela desumanização, subalternidade e marginalização, conceitos fundamentais para interpretar a vivência de Amaro em uma sociedade conservadora e preconceituosa. Stuart Hall (1997) contribui para a compreensão da identidade como um processo social e culturalmente construído, dinâmico e atravessado por relações de poder, permitindo analisar como o sujeito negro e gay se posiciona frente a essas estruturas. Judith Butler (1990), ao discutir a performatividade de gênero, possibilita interpretar a homossexualidade de Amaro como uma forma de subversão das normas heteronormativas e da moral vigente do século XIX. Bell hooks (2003), por sua vez, reforça a importância da abordagem interseccional, evidenciando como raça, gênero e sexualidade se articulam em estruturas de opressão e resistência, o que é essencial para compreender a complexidade do agon do sujeito negro e gay na obra.

Estudos literários sobre representações de negros e LGBTQIA+ na literatura brasileira do século XIX e XX destacam *Bom-Crioulo* como pioneiro na articulação dessas temáticas (REIS, 2009; PEREIRA, 2018). Ao apresentar Amaro como protagonista negro e homossexual, Caminha rompe com o imaginário conservador da sociedade oitocentista, questionando discursos moralistas e religiosos que entendiam a homossexualidade como desvio de natureza e reforçando a subalternidade histórica do negro. A obra evidencia, assim, a tensão entre marginalidade e subjetividade, revelando o corpo negro e gay como espaço de resistência e desejo em um contexto de exclusão social. Trevisan (2011, p. 254) reforça que “ali onde a ficção se deixa expandir, Caminha coloca-se a quilômetros à frente do seu tempo”, destacando a importância da obra para análises contemporâneas sobre identidade, raça, sexualidade e poder social.

Dessa forma, a literatura naturalista fornece o pano de fundo estético e ideológico da obra, enquanto as teorias críticas sobre raça e sexualidade permitem analisar a construção do sujeito negro e gay em sua interseção com práticas sociais de exclusão e resistência. A articulação entre esses eixos revela não apenas as características inovadoras de *Bom-Crioulo*, mas também sua relevância para compreender a literatura brasileira como espaço de ruptura de paradigmas e reflexão sobre estruturas de opressão ainda presentes nos discursos contemporâneos.



3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em *Bom-Crioulo*, a construção do sujeito negro se insere em um contexto histórico de profundas desigualdades raciais no Brasil pós-abolição. Apesar da abolição da escravidão em 1888, a sociedade brasileira do final do século XIX continuava a marginalizar os negros, relegando-os a papéis subordinados e invisibilizados socialmente.

Nesse cenário, Amaro, o protagonista, é apresentado como um sujeito racializado, cuja corporeidade e desejos são constantemente tensionados por normas sociais discriminatórias. Caminha descreve Amaro com atenção à força física e à presença corporal, caracterizando-o como “um homem de grande estatura e corpo robusto, dotado de uma beleza singular” (CAMINHA, 1895, p. 17), ao mesmo tempo em que faz referência a traços “primitivos” ou animais, uma estratégia naturalista que dialoga com estereótipos raciais da época. No entanto, o autor humaniza Amaro ao atribuir-lhe afetos profundos, dilemas morais e capacidade de amar, contrapondo a visão estereotipada e conferindo-lhe subjetividade plena (FERNANDES, 2012; CUNHA, 2015).

A homossexualidade de Amaro é central para a narrativa e aparece como um elemento de ruptura frente à moralidade conservadora da sociedade oitocentista. O relacionamento afetivo e sexual entre Amaro e Aleixo é descrito com intensidade emocional e sexual, como quando Caminha narra: “Amaro sentia, na presença de Aleixo, um desejo que lhe queimava as veias e tornava impossível a razão” (CAMINHA, 1895, p. 45). Essa representação transgride normas heteronormativas e evidencia o agôn do sujeito gay: um corpo e um desejo submetidos à repressão, mas que também afirmam autonomia e subjetividade. Segundo Butler (1990), a performatividade de gênero permite compreender essas relações como atos que subvertem expectativas sociais, tornando visíveis experiências marginalizadas.

A interseção entre raça e sexualidade adiciona complexidade à marginalização de Amaro. Como sujeito negro e gay, ele enfrenta múltiplas formas de exclusão: racial, social e sexual. Trechos do romance enfatizam essa condição, por exemplo, quando Amaro é percebido pelos outros personagens como “estranho” ou “desviante” (CAMINHA, 1895, p. 62), refletindo o olhar moralista e discriminatório da sociedade. Ao mesmo tempo, a obra transforma o corpo negro e gay em espaço de resistência, mostrando que a subjetividade e o desejo do protagonista não podem ser completamente silenciados. Fanon (1986) enfatiza que corpos racializados carregam marcas históricas de opressão, mas também potencial de resistência, e *Bom-Crioulo* exemplifica essa interseção entre subalternidade e agência.

Conforme Fanon (1986, p. 120):

O negro é constantemente situado no espaço da marginalidade e da alteridade, sendo construído pelo olhar de uma sociedade que o desumaniza. No entanto, essa mesma condição de opressão abre caminhos para formas de resistência, de afirmação de subjetividade e de disputa por reconhecimento. (Fanon, 1986, p. 120)



Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar o agon do sujeito negro e gay presente em *Bom-Crioulo*, evidenciando como a obra se configura como ruptura e quebra de paradigmas literários e sociais do século XIX. Através dessa análise, busca-se compreender como os elementos de raça, sexualidade, desejo e marginalidade se articulam no romance, contribuindo para discussões contemporâneas sobre representatividade, subalternidade e resistência em contextos historicamente opressores.

Além disso, a narrativa questiona a moral vigente ao apresentar Amaro como um personagem íntegro em suas emoções, mesmo quando a sociedade condena seu amor. Hall (1997) e hooks (2003) reforçam a importância de analisar identidades interseccionais, considerando como raça, gênero e sexualidade se articulam em estruturas de poder e resistência. Ao humanizar Amaro e dar voz a seu desejo, Caminha desafia os limites do Naturalismo, que tradicionalmente objetificava corpos e reforçava determinismos biológicos e sociais. Como destaca Trevisan (2011, p. 254), “ali onde a ficção se deixa expandir, Caminha coloca-se a quilômetros à frente do seu tempo”, evidenciando que o romance inaugura uma reflexão sobre subjetividade, poder e resistência que permanece atual.

Portanto, a análise de *Bom-Crioulo* revela que a construção do sujeito negro e gay não se limita a uma representação de marginalidade, mas articula sofrimento, desejo, opressão e resistência. A obra evidencia que, mesmo em contextos conservadores, a literatura pode criar espaços para a visibilidade e a afirmação de sujeitos historicamente marginalizados, tornando-se um instrumento crítico para compreender interseções entre raça, sexualidade e poder na sociedade e na literatura brasileira.

A construção do sujeito negro em *Bom-Crioulo* deve ser compreendida à luz do contexto histórico do Brasil pós-abolição. Embora a escravidão tenha sido oficialmente abolida em 1888, os negros continuavam a ser marginalizados socialmente, ocupando posições subordinadas e invisibilizadas. Caminha apresenta Amaro como um sujeito racializado, cujo corpo e desejos são tensionados pelas normas sociais e pelo preconceito estrutural da época. A corporeidade de Amaro é central na narrativa, sendo descrita com atenção à força física, presença e beleza singular. Segundo Caminha (1895) “Um homem de grande estatura e corpo robusto, dotado de uma beleza singular” (CAMINHA, 1895, p. 17).

Ao mesmo tempo, a obra recorre a elementos naturalistas, como a associação de certas características “primitivas” ou animais ao corpo do protagonista, refletindo estereótipos raciais comuns no século XIX. No entanto, Caminha humaniza Amaro, atribuindo-lhe sentimentos complexos, dilemas morais e capacidade de amar, o que desafia a visão reducionista e desumanizante da sociedade (FERNANDES, 2012; CUNHA, 2015).

A literatura naturalista frequentemente retratava personagens negros como objetos, seja de desejo ou de medo social, reforçando uma marginalização simbólica. Nesse sentido, Amaro incorpora tanto a



objetificação quanto a agência, mostrando como o corpo negro é simultaneamente espaço de opressão e resistência. Fanon (1986, p. 120) explica que:

O negro é constantemente situado no espaço da marginalidade e da alteridade, sendo construído pelo olhar de uma sociedade que o desumaniza. No entanto, essa mesma condição de opressão abre caminhos para formas de resistência, de afirmação de subjetividade e de disputa por reconhecimento. (Fanon, 1986, p. 120)

A obra de Caminha não apenas expõe os estereótipos de raça da época, mas também questiona essas representações ao dar voz, desejos e protagonismo ao sujeito negro. O corpo de Amaro, ao ser simultaneamente objeto de desejo e sujeito de experiência, se torna um espaço de tensão e resistência, mostrando que a marginalização não elimina a capacidade de subjetivação. Hall (1997) reforça que a identidade é um processo socialmente construído e atravessado por relações de poder; portanto, a construção de Amaro é um exemplo de como o sujeito negro negocia sua posição em uma sociedade excludente, evidenciando a complexidade de suas experiências.

Além disso, o romance problematiza a percepção moral e estética do corpo negro no século XIX. Ao destacar a força, a beleza e o desejo de Amaro, Caminha desconstrói a narrativa racista dominante, que reduzia o negro a um papel subalterno e estereotipado. Esse gesto literário inaugura uma forma de representação inovadora, capaz de explorar a subjetividade negra e os conflitos internos de um corpo historicamente marginalizado. Como observa Trevisan (2011, p. 254):

Ali onde a ficção se deixa expandir, Caminha coloca-se a quilômetros à frente do seu tempo. *Bom-Crioulo* apresenta o sujeito negro como ser integral, dotado de desejos, conflitos e capacidade de amar, rompendo com a narrativa naturalista tradicional. (Trevisan (2011, p. 254)

Portanto, a construção do sujeito negro em *Bom-Crioulo* não se limita a um retrato estereotipado ou objetificado; pelo contrário, apresenta uma complexidade que articula marginalização, opressão, desejo e agência, tornando-se um espaço literário de resistência e protagonismo para um sujeito historicamente invisibilizado.

4 CONCLUSÃO

Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha, constitui-se como uma obra de ruptura literária e social no panorama da literatura brasileira do século XIX, ao desafiar as convenções naturalistas e confrontar diretamente normas moralistas, raciais e sociais da sociedade oitocentista. Ao inserir a homossexualidade como tema central e articular a experiência do sujeito negro à marginalização social, o romance oferece uma leitura complexa sobre desejo, corporeidade e subjetividade, revelando como os corpos racializados e sexualizados são atravessados por estruturas de poder e opressão.



A análise do sujeito negro e gay em *Bom-Crioulo* evidencia múltiplas tensões: raciais, sociais, sexuais e de classe. Amaro, como protagonista, vive o agon da marginalização, mas também se constitui como agente de resistência, afirmando sua subjetividade em meio à repressão e aos preconceitos da época. Caminha humaniza o corpo negro e o desejo homoerótico, desafiando estereótipos naturalistas que tradicionalmente reduziavam personagens negros a figuras animais ou exóticas, e ao mesmo tempo questiona a moral vigente que considerava a homossexualidade um desvio da natureza (FERNANDES, 2012; CUNHA, 2015).

Além disso, a obra propicia uma reflexão sobre interseccionalidade antes mesmo do conceito se consolidar academicamente. A conjunção entre raça e orientação sexual demonstra como a marginalização pode se acumular, criando camadas complexas de exclusão, mas também espaços de resistência e subjetivação. Conforme Frantz Fanon (1986) e Stuart Hall (1997) destacam, a identidade dos sujeitos marginalizados é atravessada por tensões estruturais, mas também carrega potencial de agência e contestação. Nesse sentido, *Bom-Crioulo* não apenas documenta a opressão, mas também exemplifica a possibilidade de afirmação do desejo e da humanidade de um sujeito historicamente invisibilizado.

O romance, portanto, oferece contribuições significativas para leituras contemporâneas de literatura, gênero, raça e sexualidade. Ao problematizar a racialização e a homossexualidade, Caminha antecipa debates sobre representatividade, interseccionalidade e resistência que permanecem atuais, evidenciando que a literatura pode servir como ferramenta crítica de reflexão social. Ao humanizar Amaro, o autor propõe uma ruptura ética e estética, mostrando que os sujeitos marginalizados possuem complexidade, desejos e protagonismo em sua trajetória, ainda que a sociedade busque silenciá-los.

Em suma, *Bom-Crioulo* reafirma a importância da literatura como instrumento de denúncia e reflexão sobre desigualdades estruturais e práticas sociais excludentes, oferecendo não apenas um panorama da sociedade brasileira oitocentista, mas também uma leitura crítica que dialoga com questões contemporâneas de identidade, corpo, desejo e resistência. O romance se apresenta, assim, como obra precursora na literatura brasileira, capaz de abrir caminhos para análises críticas sobre as interseções entre raça, sexualidade e poder social, consolidando-se como referência essencial para estudos literários, culturais e sociais.



REFERÊNCIAS

- BRAGA, Antônio. *Naturalismo e sociedade: literatura brasileira no século XIX*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 1895. Edição digital/revista crítica: Rio de Janeiro: Lacerda, 2010.
- CUNHA, Maria Aparecida. *Literatura e marginalidade: representações do negro no naturalismo brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- FERNANDES, João. *Naturalismo e transgressão: corpos, sexualidade e sociedade*. São Paulo: Annablume, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural e juventude*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. Boston: South End Press, 2003.
- PEREIRA, Carla. *Representações LGBTQIA+ na literatura brasileira: séculos XIX e XX*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- REIS, João José. *Negros e mestiços na literatura brasileira oitocentista*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- TREVISAN, José. *História crítica da literatura brasileira: século XIX*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2011.